

### A EXPERIÊNCIA CLÍNICA DO PROJETO “SAÚDE ÚNICA, SONHOS COLETIVOS” NO JARDIM BOA VISTA – SÃO PAULO

Silvia Regina Ricci Lucas<sup>1</sup>, Ricardo Augusto Dias<sup>1</sup>, Paula de Carvalho Papa<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Prof. Doutor – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo

E-mail: srllucas@usp.br

A saúde animal e humana sempre estiveram interligadas. As famílias da sociedade contemporânea são consideradas multi-espécies e a integração desses indivíduos com sua comunidade e o meio em que vivem tornam a atividade do médico veterinário, profissional com formação sobre doenças e agravos resultantes da interação homem-animal-ambiente, fundamental para conhecer os determinantes de saúde e doenças, criando as bases para referências locais. Com o objetivo de intensificar o contato com comunidades carentes, ampliando as atividades de extensão para Médicos Veterinários Residentes (MVR), alunos e pós graduandos, foi criado na FMVZ-USP o projeto “Saúde única, sonhos coletivos”, tendo sido realizados dois ciclos de ações associados aos Dias da Família no bairro Jardim Boa Vista. Foi realizado um diagnóstico sobre o conhecimento da comunidade a respeito de zoonoses e, na sequência, a abordagem educativa com base nesse diagnóstico, bem como o mutirão clínico e de vacinação. O mutirão foi realizado como parte das atividades dos MVR do Programa de Residência em Área da Saúde do Hospital Veterinário da FMVZ-USP e permitiu o atendimento de 106 animais. Foram atendidas mais fêmeas (54,7%) e maior proporção de cães (79,2%), em relação aos gatos. A idade média foi de 3,8 anos para os cães e 1,5 anos para os gatos, sendo que 22,6% dos cães e 28,6% dos gatos eram castrados. A ampla maioria (90%) era alimentada com ração; 72,6% não tinham acesso à rua sem acompanhamento e 59,4% relatavam infestação por pulgas e/ou carrapatos. Metade dos animais tinha possibilidade de contato com ratos e 52,8% não eram vacinados. Agressividade foi relatada em 28,3% e direcionada a outra espécie animal. Destacou-se o fato de que 17,9% dos proprietários não castrarão seus animais e 33% tinham dúvidas se concordariam ou não com o procedimento. Durante o atendimento, sete fêmeas foram apresentadas com suas ninhadas e uma com suspeita de gestação. A entrevista permitiu a detecção de problemas que precisam ser abordados em projetos educacionais, a exemplo da baixa aceitação da castração, mas também demonstrou uma população disposta a ouvir e aprender mais sobre os cuidados com seus animais. Concluímos que esta forma de abordagem junto à comunidade permite, além da interação com os munícipes, que os MVR tenham um aprendizado dinâmico e visão mais ampla dos problemas que podem ser enfrentados em comunidades carentes, dentro da relação homem-animal-ambiente.

### PRINCIPAIS AGRAVOS OBSERVADOS NO TRANSCURSO DAS CASTRAÇÕES REALIZADAS PELO SETOR PÚBLICO DO MUNICÍPIO DE CONTAGEM (MG)

Simone Magela Moreira<sup>1</sup>, Taiza Gonçalves de Araújo Costa<sup>2</sup>, Sofia Alves Nogueira Valério<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Doutora em Ciência Animal–SMS/Contagem (MG)

<sup>2</sup> Médica Veterinária–SMS/Contagem (MG)

E-mail: simone.moreira@contagem.mg.gov.br

Atualmente observa-se uma superpopulação de cães e gatos, em especial nas áreas carentes e periferias das grandes cidades, que preocupa autoridades e profissionais da saúde pública. Com a necessidade do controle de natalidade, a castração cirúrgica tornou-se um procedimento humanitário e amplamente oferecido pelos diferentes setores da sociedade. Evita sacrifícios em massa, diminui os riscos das doenças sexualmente transmissíveis e do uso indiscriminado de anticoncepcionais. Contudo, para uma intervenção cirúrgica segura, é de vital importância o conhecimento de alterações pré-existentes, que permitam ação adequada às necessidades de cada paciente, de modo a reduzir a mortalidade entre animais submetidos ao procedimento. Assim, o presente trabalho tem como objetivo caracterizar os usuários da castração pública, relatar os principais agravos e alertar os cirurgiões para a necessidade de um protocolo clínico que permita o gerenciamento das morbidades. Das 2751 fichas cirúrgicas dos animais castrados pela Prefeitura Municipal de Contagem (MG), de 2011 a 2013, foram compiladas as principais intercorrências. Os felinos representam a maioria (57%) dos que utilizam o serviço e, destes, mais de 60% são fêmeas entre 14 e 22 meses de idade. Já os cães machos são os castrados mais tardiamente, entre 28 e 43 meses de vida. Eventos adversos foram verificados em cerca de 10% dos animais conduzidos à cirurgia: destacam-se a piometra (37%), gestação inicial (22%) e, dentre os machos, o criptorquidismo (7,5%). Repleção gástrica acompanhada de vômito (2,4%), parasitose intensa com eliminação de larvas (2%) e animal já castrado (0,1%) também contribuem para aumentar o risco do procedimento. Os dados ressaltam a necessidade de o profissional adotar precauções por meio da anamnese e acurada avaliação clínica do paciente, que aumentam a segurança e diminuem a incidência das situações de emergência no transcurso das castrações oferecidas pelos serviços públicos de saúde.